REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 794

20 DE JANEIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

O GENERAL VISCONDE DE SERPA PINTO

FALLECIDO EM 28 DE DEZEMBRO DE 1900

Não houve portuguez em tempos modernos que obtivesse maior popularidade nem mais honrosa fama no mundo inteiro. As suas viagens atravez d'Africa, seus combates em que revelou denodo heroico, immortalisaram-lhe o nome, collocando-o a par dos maiores e mais luminosos da historia da civilisação no grande continente negro.

Nascido em Tendaes, concelho de Sinfães em 20 de abril de 1846, apenas conseguiu terminar o curso de infanteria, partiu para a Africa, d'onde voltou ao reino com fama de valente soldado e já a quantos o conheciam deixando prever sua capacidade para altissimos feitos.

Foi assim que inspirou confiança ao ministro da marinha Andrade Corvo, que, em 1877, organisou a celebre expedição, em que tomaram parte Serpa Pinto, Hermenegildo Capello e Roberto Ivens.

Em novembro d'esse anno, partiam de Benguella e dirigiam-se para o interior, mas, já no sertão, Serpa Pinto, separado de seus companheiros, tentava a sua arrojadissima viagem até á costa oriental, emquanto Capello e Ivens seguiam nos estudos, para que haviam sido nomeados.

Esse arrojo de Serpa Pinto, essa lucta intima que teve de sustentar comsigo mesmo até que decidiu tentar o acto arrojado de sósinho accommetter contra muitas leguas de sertão, formam das mais bellas paginas de seu precioso livro.

Durante longos mezes não houve noticias d'elle, até que em 12 de fevereiro de 1879 chegou a Pretoria, depois de haver completado uma das mais famosas viagens de que resa a historia.

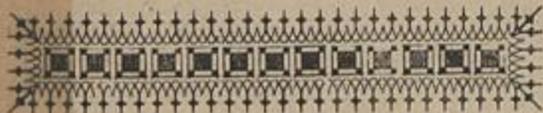
Convidado pelas sociedades geographicas de Paris e Londres, ali foi fazer suas conferencias sobre o que vira n'essas regiões quasi desconhecidas de europeus. Por essa occasião offereceram-lhe medalhas d'oiro as mais importantes sociedades scientificas da Europa.

Era gloria bastante para um homem; mas Serpa Pinto não se contentava com tão pouco, cheio de mocidade e projectos. Varias vezes ainda voltou, em serviço do paiz, ás terras d'Africa, sendo um seu acto de valor que nos trouxe o ultimatum do governo inglez em 1890.

Serpa Pinto, de natureza debil, vivendo quasi apenas de seus nervos, recolheu finalmente á patria, mas doentissimo, fallecendo, de muitas doenças adquiridas n'aquelles terriveis climas, na madrugada de 28 de dezembro.

Era ajudante de campo de El-rei D. Carlos e general desde 1894. Como galardão de seus altos feitos fora-lhe dado o titulo de visconde.

Tinha a gran-cruz de Medgie, as commendas de Torre e Espada, S. Thiago e Aviz e o habito da legião d'honra

SERPA PINTO ao chegar a Pretoria, depois de ter atravessado a Africa

CHRONICA OCCIDENTAL

Um valentissimo temporal lavou á bruta as ruas de Lisboa. Terça feira, 15, e quarta feira, 16, choveu torrencialmente e ventou forte do sudoeste. O Tejo encapellou-se e fez das suas.

O bom tempo já voltou; mas não inspira por emquanto confiança. O Tejo, que, ha dias, vimos nacarado, espelhando as nuvens cheias de tormentas, voltou á sua pacatez, todo azul e manso como um cordeiro.

Se é verdade o que diz um telegramma de Berlim, ha muitos inglezes que desejam imitar o nosso Tejo na sua cordura. Tambem elles se levantaram alterosos e acclamaram Chamberlain; tambem elles roncaram tal qual o temporal de ha dias; tambem d'elles sahiram as ondas de soldados, que innundaram os campos do Transvaal; mas tambem elles agora desejam a paz e espelhar contentes um pedaço de azul.

É que os boers parecem cada vez menos dispostos a deixarem-se dominar, é que os telegrammas vão addiando cada vez para mais longe a esperança da victoria definitiva. São os inglezes agora que falam em paz honrosa. Entretanto o general lord Methuen prepara novas e importantes operações em volta de Vrybung.

Vão longe ainda de dar cabo dos ultimos cartuxos.

Cá por casa começámos agora a queimar os primeiros nas camaras, cujas sessões se vão animando, desde a discussão do bill de indemnidade. Certas polemicas em jornaes tambem teem sido muito apreciadas pelos que mais se interessam por esse generó de esgrima. Mas com certeza nada foi tão digno de nota, sem sahirmos do assumpto politico, embora levando-o para menos aridas regiões, do que essa pagina extraordinaria do ultimo numero da Parodia: *Todos com o Janeiro!*

Um verdadeiro primor! Raras vezes Raphael Bordallo mostrou maior graça e tão brilhantemente seu alto valor de caricaturista. As posições encontradas para aquelles gatos, quer se cocem, quer miem, quer se lambam, quer se espreguicem, quer dêem marradinhas, são todas requintadamente espirituosas. É uma alegria! A composição é soberba, o traço é maravilhoso. Pode chamar-se-lhe, sem perigo de errar, uma pagina immortal. Raphael Bordallo conserva toda a frescura dos seus vinte annos, achando em tudo com facilidade assombrosa a nota hilariante. O bravo a essa pagina primorosa foi por todos solto em unisono, até, com toda a certeza, por muitos dos caricaturados.

Alegria!... E' esse o grande dote do Raphael e é alegria que elle quer dar a todos.

Foi por isso que, quando a Parodia festejou seu primeiro anniversario, elle entendeu que a todos quantos com seu trabalho o haviam ajudado para tanta gloria era dever seu dar umas horas felizes. Ora, tratando-se de todos, não devia ser esquecido o garoto, que, ao frio, á chuva, de pé descalço sobre a lama, saltando aos estribos dos americanos, corre Lisboa inteira, desde Xabregas até Pedroiços, do Terreiro do Paço até Arroios: — «Olha a Parodia a vintem!»

Não houve outro jantar assim de maior contentamento n'essa tarde em Lisboa!

Uma centena de garotos sentou-se á grande mesa na taberna por debaixo do Quartel General. Sopa de massa, carne guisada, laranjas, vinho branco e tinto. Raphael, Manuel Gustavo, os redactores e administradores da Parodia assistiram ao jantar. As saudes succederam-se ininterruptamente, a algazarra era enorme. A' porta, attrahida pelo vivorio, correu immensa gente, tornando-se necessaria a intervenção da policia para desembaraçar o transito. A Raphael vivas e mais vivas! E elle contente de ver contentes os outros.

Mais pacato, como é de ver, mas não com menor enthusiasmo, correu o jantar por alguns amigos e admiradores offerecido ao distincto romancista Antonio de Campos Junior, ha dias agraciado com o collar de S. Thiago.

Foi com verdadeiro jubilo que todos prestaram esta homenagem ao auctor do *Guerreiro e Monge* e *Marquez de Pombal*, publicados em volume, e do *Luiz de Camões*, actualmente em publicação no *Seculo*.

Antonio de Campos Junior é conhecido de todos desde a representação no demolido theatro da Alegria d'um bello acto patriotico, *A Traição*, escripta pouco depois do ultimatum inglez de 11 de janeiro de 1890.

Os seus tres romances historicos publicados pelo *Seculo* vieram confirmar suas notaveis qualidades de escriptor. Phantasia e sentimento, enthusiasmo e graça, de todas essas qualidades tem dado sobejas provas o que é hoje o romancista mais popular de Portugal.

Mas Campos Junior é além d'isso — diremos melhor: mais do que isso — um patriota cheio de enthusiasmo. Tudo o que é portuguez o interessa profundamente. Tem amor intenso ao passado e inspira-lhe confiança o futuro. Não é um desanimado, é um trabalhador.

Ainda ha dias, o *Seculo* publicou um artigo admiravelmente escripto e sentido, contra certos jornaes hespanhoes, que comnosco foram menos amaveis, e n'elle a pena se revelava do sympathico escriptor portuguez. Não pudemos comnosco que lhe não fossemos dar um abraço.

D'artistas e litteratos falámos; não sahiremos do assumpto sem nos referirmos á bella conferencia feita por Alfredo Mesquita na redacção do *Diario de Noticias* sobre os pintores hollandezes. Está publicado o seu livro *Cartas de Hollanda*, paiz que elle visitou por occasião do coroamento da joven rainha Guilhermina.

Alfredo Mesquita foi applaudidissimo e o seu novo livro decerto vae ter o mesmo exito que *Terras de Hespanha.*

Foi uma conferencia sobre arte, caso raro em Portugal, onde isso tão pouco interesse quasi sempre desperta. D'arte se falou' ha dias, tambem na camara dos deputados, a respeito da venda d'um quadro attribuido a Grão Vasco. Foi Christovam Ayres quem levantou a questão, e bem haja por isso. O sr. ministro das obras publicas prometteu que se informaria e tomaria as devidas providencias, que reconhecia a necessidade de se olhar por muitas preciosidades artisticas que ainda temos e que faria toda a diligencia para evitar que as que pertencem ao estado passassem a outras mãos.

É notavel a indifferença que os portuguezes teem por quanto lhes pertence e attesta o alto valor artistico, o fino gosto dos nossos antepassados. Como tudo isso se perdeu n'esta mania de aristocratisação barata, que parece andasso? Que desgosto não faz a quantos tenham um nadinha de sentimento na alma o desrespeito com que são tratados os monumentos, que deveriam ser nossa maior gloria?

Mas para que falamos n'isso? De que serve gritar a quem é surdo ou falar de côres a quem é cego? E não precisamos sahir de Lisboa para vermos até que ponto n'este ponto a ignorancia ou a estupidez campeiam orgulhosas! Logo ao entrar a barra vê o estrangeiro o gazometro por detraz da torre de Belem; chegando ao Rocio vê no alto das ruinas do Carmo uns madeiros indecentes servindo de postes ás linhas do telephone. Gaz de illuminação, fios electricos, tudo é progresso, e deante do progresso tudo é nada. Resta saber-se, e isto é importante, se ser-se idiota tambem é progresso.

Tudo está mascarado. Effectivamente o entrudo approxima-se e já os estudantes da Escola Polytechnica, sempre temporãos n'esse assumpto, vão dando que falar. E o entrudo que chega, e por este tempo a coisa não parece tão mal. Mas depois, se o sr. ministro das obras publicas tambem quizesse acudir, acredite que sempre haverá dois ou tres que lh'o agradeçam.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

GABRIELLA RÉJANE

No louvavel intuito da empreza do Theatro D. Amelia nos apresentar os grandes astros da scena extrangeira, acabamos de assistir ás quatro recitas dadas em Lisboa pela celebre artista franceza Gabriella Réju chrismada de Réjane por fervorosos admiradores do seu enorme talento.

Não se póde com mais finura e espirito, *sublinhar um dito*, nem ser mais eloquente, mais arrebatadora nas grandes situações dramaticas, em que domina e attrahe.

Figurou este nome ultimamente nos cartazes de Madrid onde, como em Lisboa, recebeu a gloriosa artista as manifestações d'enthusiasmo de escolhidas plateias, onde mais ou menos reina o espirito de descrença e desconfiança, pois já actualmente não podemos — por infelicidade nossa — confiar nas grandes estrellas que se nos annunciam e que ao vel-as, então reconhecemos terem o brilho ou perdido ou só feito á custa de reclamos, caros e cartazes cheios d'adjectivações mirabolantes, que muitas vezes longe de favorecerem o artista ajudam a desprestigial-o deante d'um publico... logrado.

Não podemos queixar nos nem poderiamos ter ido na incerteza ver e apreciar o admiravel trabalho da grande artista franceza, pois em demasia o nome de Rejane era conhecido em Portugal e anciada a hora de a podermos admirar.

No *Demi-monde*, *Robe rouge*, *Casa de boneca* e *Sylvia* ella espargiu com uma prodigalidade pasmosa as fulgurações do seu rutilo talento, sabendo ser com enorme verdade e convicção amavel, terna e carinhosa, arrebatada, vehemente, apaixonada e dominadora da scena e d'um publico, que como o nosso lhe soube demonstrar em quanto apreço tomava o seu explendido trabalho, fazendo-lhe uma d'estas ovações que ficam memoraveis nos annaes d'espectaculos em theatros portuguezes.

Felicitamo-nos pois e á empreza do theatro D. Amelia por mais uma vez a despeito de sacrificios materiaes, ter apresentado esta verdadeira celebridade, cujo nome em lapide figura no foyer do elegante theatro ao lado dos prestigiosos nomes de Sarah Bernhardt e Duse, entre os quaes deve ser considerado.

ROSA PAES

Começou Rosa Paes a sua carreira artistica fazendo parte do grupo de amadores dramaticos «Trio Paulus» habilmente dirigida pelo conhecido cançonetista N. Leroy onde teve occasião de demonstrar a sua aptidão scenica.

Foi n'uma matinée realizada no Theatro D. Amelia, na qual tomou parte o referido grupo, que Sousa Bastos, então emprezario da Trindade, viu em Rosa Paes, uma atriz de merecimento, convidando-a para fazer parte do elenco da sua companhia.

Deixava de ser amadora para ser actriz.

As responsabilidades da sua nova situação eram mais escabrozas, no entanto Rosa continuou sempre demonstrando os seus grandes recursos artisticos.

Desde a *Fada do Amor*, peça em que, em 1895, se estreiou no theatro da Trindade, até ao *Rei Damnado*, actualmente em scena no mesmo theatro, tem sempre sabido grangear os applausos do publico, não só na oppereta, como egualmente no drama.

Basta para isso citar o seu trabalho realmente notavel na *Fallote*, nos *Sinos de Corneville* no *Boccacio*, na *Grã-Duqueza de Gerolstein*, no *Hotel da Barafunda*, *Scenas de Bohemia*, *Martyr*, *Ideias de Madame Aubray*, *Auto dos esquecidos*, etc.

QUESTÕES SOCIAES

(JUSTIÇA E GRANDES HOMENS)

Os antigos transmittiram o costume de representar symbolicamente a Justiça sob uma figura de mulher de olhos vendados.

D'este modo quizeram fazer valêr a orientação de imparcialidade que lhe é propria, e tornaram fallante dando-lhe forma externa capaz de impressionar os sentidos, despertando as faculdades da alma, uma idéa de caracter moral que é realmente incorporea.

O homem apparece em todas as epochas da Historia, com signaes certos de que na essencia de seu ser individual existe plena de vitalidade intrinseca a noção sublime da Justiça.

Quanto mais perfeitas se ostentaram as regras de dirigencia na marcha dos povos primitivos, tanto melhor foi comprehendido o ministerio salutar da equidade e mais proxima foi a hora de libertação para as multidões anonymas de acorrentados.

A Justiça, eterna como a verdade absoluta de um Deus, é a unica alavanca inquebravel para o effeito de produzir equilibrio completo entre os homens e serenar odios de classe no meio dos grupos numerosos de descontentes.

Do governo patriarchal da familia passaram lenta e talvez insensivelmente os primeiros racio-

naes povoadores da Asia a tempo de miseravel regimen, em que o despotismo carnal e feroz occulto n'um involucro animal, cautellosamente furtado á vista curiosa das gentes por cortezãos ignobeis de cobardia, pesava durissimo sobre uma grande parte do genero humano transformado em escravo desprezivel.

Herodoto, Ctezias, Diodoro e muitos outros escriptores de remota edade, traçaram quadros e pintaram scenas de tanta e tão extraordinaria aberração quasi phantastica, que se desprezam varias de suas narrativas por absurdas e é tal a inverosimilhança de outras, aliás comprovadas por monumentos conhecidos, que se chega a nutrir desejos de poder duvidar.

Mas todo aquelle mundo em que só havia escravidão, horrivel monturo de todos os párias infelizes, onde o sonho da Justiça segredava um termo carinhoso de amor não mentido, sossobrou n'um mar de torpeza até então navegavel pela nau do vicio libidinoso e do crime nojento.

O vencedor de Arbelles devera ter escripto no ultimo campo de batalha que travou com Dario, as lettras que se diz haverem composto o epitaphio de Sardanapalo.

Os persas, que no tempo de Cyro sabiam respeitar a dignidade do chefe sem descerem tanto abaixo na villania como depois fizeram com os successores, deante dos quaes dobraram o joelho como se se tratasse da propria Divindade, não tinham outra idéa da Justiça differente da que derivava d'um governo em que a vontade tyrannica d'uns entes, verdadeiros monstros de ignominia e de devassidão, cercados de mulheres sem pudor e de eunuchos bestialisados, era o unico principio regulador nos actos da vida e a unica norma coherente da força brutal.

A Phenicia offereceu um espectaculo de excepção, assumindo positivamente contraste singular com os processos internos dos demais povos asiaticos, submettidos á voz do receio medroso e da cobardia constante.

A sua posição geographica, entre o Libano que lhe fornecia madeiras de construcção, e as ondas do mar que lhe despertavam a fascinação da aventura, formava a indole dos phenicios n'uma expressão caracteristica de altivez indomita e de actividade commercial infatigavel.

Mas nem a Phenicia nem outro qualquer organismo politico da epoca poude escapar a aggressões injustas e ao dominio do mais forte.

Tyro arruinada uma primeira vez e edificada de novo em terreno insular, constituiu por fim uma présa na marcha triumphal do discipulo do philosopho de Stagira, e não houve em breve resistencias possiveis para nenhuma das cidades erguidas no sólo estreitissimo de que partiram navegadores que fizeram dezenas de annos antes de Colombo, de Vasco e de Cabral, o reconhecimento da bacia do Mediterraneo, e, transpondo as Columnas de Hercules, tocaram porventura nas praias de Inglaterra e visitaram algumas das ilhas atlanticas na costa occidental da Africa.

Entre os hebreus, arrancados por Moysés da terra dos Pharaós, leis e religião haviam-se fundido n'um só corpo doutrinario vasado em moldes de theocracia pura.

E a Justiça tantas vezes invocada pelos descendentes de Abrahão não era melhor sentida e interpretada agora em quem contava estirpe tão illustre.

O Egypto deixára de viver, para vegetar ao sabor dos ambiciosos contemporaneos e dos seculos futuros, aos quaes legaria uma herança scientifica de colossal disputa e monumentos de tanto assombro, que em face d'elles, havia de inspirar-se o vencedor de Marengo e de Austerlitz!

Era pois, necessidade urgente que raiasse para o mundo Oriental alguma luz de intelligencia que lhe evitasse o naufragio completo nas vagas de podridão em que se debatia, e permittisse que fosse salvo quanto de bom ahi restava.

O papel do generalissimo dos gregos contra os persas, embora involvendo como consequencia fatal da victoria a ruina do imperio do gran-satrapa, foi um papel perfeitamente providencial, de que derivou maior expansibilidade para o genio artistico dos hellenos e mais vantagem de unidade para a civilisação do mundo.

Mas a Grecia não devia ir mais longe no predominio de sua influencia moral, do que a malear pela impressão do bello, gentes embrutecidas e avêssas a delicadezas de elegancia.

A sua missão tinha de parar aqui, e nem mesmo se compadecia com quem condemnára a beber a sicuta um innocente e assistira á morte do supposto criminoso, que teve nome de Socrates, a iniciação universal no sentimento do justo.

Aos romanos, parecia reservado esse destino glorioso que certamente haveriam attingido no seu termo final, se o paganismo tivesse comportado nobres conceitos de philosophia transcendente, e se, mesmo na hypothese de lhes poder dar cabimento pleno, não fosse impedimento insuperavel a que elles vingassem a propria dilatação excessiva de suas fronteiras problematicas.

O «*nexus*» fôra nodoa opima de desordens e de rebelliões intestinas, e ainda que a duvida não houvesse constituido base a um direito odioso, a legislação romana representava em muitas passagens o attentado cruel contra os principios immutaveis da Justiça.

O homem escravo, synonimo de besta e de objecto material, producto d'um meio envilecido por despotas ensandecidos e por afeminação affrontosa, qual chegou a ser o estado da Assyria, da Babylonia e da Persia, consignado por sabios da estofa d'um Aristoteles, e sanccionado na letra dos codigos de notavel excellencia, sahidos da penna aprimorada dos jurisconsultos de Roma, o homem escravo, foi motivo sufficiente desvendando a origem primordial da decadencia dos herdeiros de Romulo, e representa titulo authentico que demonstra razão para que fosse dirigida a Augusto, primeiro e talvez mais extraordinario entre os imperadores a phrase celeberrima de Mecenas: «Levanta-te algoz!».

Sae da tua cadeira presidencial, do tribunal onde és juiz, porque não mereces tal nome mas epitheto injurioso! quantas veses se justificariam estas palavras, pairando nos labios de delinquentes chamados á liquidação de responsabilidades?! e quantas mais vezes ainda, trocados os logares, ellas seriam um subterfugio fallaz na bocca de magistrados insipientes e venaes?!

Não, a Justiça não é uma chiméra, é um ideal formosissimo, psychologico e intuitivo, travado á consciencia humana, que até em Pilatos nos deslumbra quando este fraco procurador de Tiberio pede agua para lavar as mãos, e que Jesus fixou eloquente e irrefragavelmente n'aquelle conciso preceito de admiravel profundeza e de eterna irradiação pungitiva e anathematisadora da iniquidade:

«Dae a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar.»

Dizia Marmontel em um dos *Fragmentos de Philosophia Moral*, que:

«On donne en général le nom de grands à ceux qui occupent les premières places de l'Etat, soit dans le gouvernement, soit auprès du prince».

Com effeito, assim succede erradamente quasi sempre.

Os verdadeiros grandes homens, só são porém, aquelles cujos merecimentos reaes transcendem a méta da vulgaridade, qualquer que tenha sido o berço originario da sua ascendencia.

Na ordem dos tempos como no conceito dos individuos, fica consagrada a memoria de muitas pessoas inegavelmente illustres, mas fica tambem por modo egual a de falsarios repellentes e de outras especies de vendilhões, apenas dignos do pelourinho da infamia.

A voz da consciencia tem-se comtudo manifestado no decorrer das edades por culto não interrompido aos mortos gloriosos.

Para alguns povos não havia grandes homens fóra da scena dos combates, e os celebres triumphos na antiga Roma significavam a apotheose dos guerreiros victoriosos.

Não se comprehendia ainda, que o trabalho sereno e sisudo da intelligencia, tem muitissimo mais valor n'uma unica hora de intuição feliz do que todas as evoluções estrategicas da força armada, em lucta secular.

Votavam-se os sabios a um abandono systematico e quasi irremessivel, sendo certo que apenas alguns lograram, em circumstancias extraordinarias, attrahir sobre si a attenção das multidões.

Vieram depois melhores tempos de concentração no esforço das faculdades empiricas, e os jogos famosos instituidos por toda a parte em honra dos deuses, ostentavam um certo caracter de menos aspereza, que abria mais larga distancia entre o passado e o presente.

O raciocinio da razão tomava pouco a pouco logar definido no campo especulativo, e as theorias dos que amavam a sciencia eram acatadas com tal ou qual aceitação.

O primeiro seculo de esplendor inapagavel, foi fornecido á civilisação humana pela patria de Pericles.

Não quer isto dizer que eu passo um traço de ingratidão por cima de outras regiões que tambem cooperaram com a Grecia na causa do progresso.

Ninguem, de bom senso e de regular illustração, poderá esquecer nunca o quanto Sparta e Athenas deveram de egregio e de perduravel ao Egypto, á Phenicia e até á propria Persia e á India.

Se Roma reflectiu na sua vida historica e em todos os ramos da actividade pensante, todas as maravilhas do genio criador dos gregos, é egualmente forçoso e incontestavel que o solo em cujos ambitos echoou a poesia lyrica de Pyndaro, a philosophia assombrosa do insigne Platão e a palavra eloquentemente arrebatadora de Demosthenes, é forçoso e incontestavel digo que ahi tenham vindo espelhar-se, embora ampliando-se, alguns productos da elaboração mental dos povos do Oriente.

Não teem sido revelados até agora á nossa curiosidade ardente e justificada os nomes dos primeiros iniciadores nos segredos da Natureza; mas, se é possivel que elles permaneçam na mudez eterna da mumia silenciosa, não devemos todavia desesperar que nol'os desvendem, como já foram desvendados nas terras do Nilo e nos valles de Babylonia, os mysterios que se continham nos hieroglificos e nos caracteres cuneifórmes.

No vaivem das cousas d'este mundo, não é licito que nos inhibamos o desejo de saber, e só é defeza absolutamente a pratica do crime.

No meio das maximas repulsões e das antipathias mais renitentes, fez-se emfim luz brilhante no coração dos povos, que confessaram a superioridade immensa dos Sophocles e Euripedes, dos Lysias e Herodoto, dos Meton e Hippocrates, dos Aristophanes e Phidias, dos Appolodoro, Zeuxis, Polygnoto, Parrhazio, Anaxagoras, Socrates, Cimon, dos poetas, dos oradores, dos sabios, dos artistas eminentes, dos philosophos graves e dos negociadores de tratados de paz sobre o engenho ardiloso dos conquistadores e o arrojo nimio das maiores emprezas de guerra colossal.

Assim, foi avolumando lentamente a veneração tributada aos grandes homens, em que se fundem as epocas que passam, e em que se crystallizam os labores puros e aturados das gerações que descem ao tumulo.

Ha aqui alguma cousa de certeza phenomenal, que póde servir de argumento contra aquelles que proclamam a acção exclusiva da materia na anthropologia universal, e é que não obstante toda a argucia dos sophismas, o estimulo pernicioso das ambições desregradas, as tendencias sensuaes de carnalidade e os maus instinctos do canibalismo bruto e grutesco, vão sempre avançando os apostolos do bem, sempre preponderam as altas influencias dos principios moraes.

E' d'este modo, que, apesar da indole ganânciosa que estremou o seculo XIX, todo o mundo se deu pressa em tecer uma corôa de gloria a Pasteur, o defunto immortal da França e em desfilar homenagens de affecto respeitoso pela urna que encerrou o corpo algente de Gladstone, o primeiro liberal da Inglaterra.

Convem justamente, que os dirigentes das sociedades contemporaneas busquem incendimento ao animo popular nos exemplos suggestivos das dedicações profundas e dos desinteresses nobres.

Estas duas qualidades psychicas, intrinsecamente bellas e physiologicamente hygienicas na existencia das nações, são o especifico differencial nas obras de solidez inconcussa e a panacea de virtude infallivel na regeneração do individuo e das collectividades.

E' portanto, consoante as regras e os preceitos da logica mais elementar, que sejam avivadas as recordações historicas dos benemeritos de cada paiz na mente das massas, e para assim dizer infundidas no espirito da juventude.

Impedir que feneça o respeito pelos grandes homens e o culto á sua memoria é contribuir directamente para formar os brios nacionaes na escola dos actos illustres e nas licções tonicas da dignidade.

Só os titeres estão perdidos e condemnados para sempre como o famoso Tantalo, e só morrem os povos cobardes que se negam a inclinar a fronte á passagem dos grandes homens.

E' esta a verdade e o exame imparcial da consciencia.

D. Francisco de Noronha.

Luciano Cordeiro

Morreu um trabalhador incançavel, profundamente intelligente, patriota a quem muito deve o bom nome portuguez no mundo inteiro.

Quanta vez com seu coração não acompanhára elle Serpa Pinto nas suas longas viagens atravez dos desertos africanos. Na viagem de que se não volta o acompanhou elle agora. As duas grandes almas partiram d'este mundo com poucos dias de intervallo.

Foi das mortes mais sentidas a do secretario perpetuo da Sociedade de Geographia, Luciano Cordeiro, director geral interino da instrucção publica O seu funeral concorridissimo e em que se fizeram representar as mais importantes corporações, foi uma homenagem imponentissima prestada por toda a população de Lisboa a esse homem benemerito, caracter immaculado, intelligencia superior, dirigindo, sem mostras de fadiga, um trabalho sempre util e de incontestavel alcance.

Foi no dia de Natal — que tristeza para as pobres filhas! — que o cadaver foi depositado na sala *Algarve* da Sociedade de Geographia, sendo, em todo o percurso, desde a casa do fallecido no largo do Quintella até ás portas de Santo Antão, acompanhado por muitos amigos e representantes de todas as classes da sociedade. O transporte do cadaver para o cemiterio occidental realisou-se no dia seguinte, commovendo a todos a dolorosa manifestação, das mais imponentes que hajam sido expontaneamente feitas pelo povo de Lisboa a um morto illustre

A' beira da campa falaram o sr. Ferreira do Amaral, pela Sociedade de Geographia, e depois os srs. dr. Silva Telles. Margiochi, Contreras, Petra Vianna e Simões d'Almeida.

Luciano Cordeiro contava 55 annos de idade.

Nascido em Mirandella, abandonára os estudos já depois de haver frequentado a Escola Polytechnica, para dedicar-se ao jornalismo, entrando como redactor para a *Revolução de Setembro*, n'esse tempo um dos mais importantes jornaes do paiz.

Logo de principio demonstrou uma altissima capacidade litteraria.

Funccionario publico, exerceu varias commissões officiaes, que lhe grangearam maior estima e consideração.

Mas o seu nome está sobretudo ligado ao d'essa sociedade por elle fundada, e á qual dedicou o que de melhor havia em seu espirito e coração, a ponto de a transformar n'uma das mais importantes do mundo inteiro.

A Sociedade de Geographia é indiscutivelmente a sua maior gloria.

Descance em paz o benemerito trabalhador.

CONSELHEIRO LUCIANO CORDEIRO

FALLECIDO EM 24 DE DEZEMBRO DE 1900

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1886-1887

Summario

Pouca animação no theatro. — Illuminação pela luz electrica. — Frio na sala. — Pouca intensidade e muita irregularidade da illuminação — Companhia lyrica — Operas e bailes na epocha de 1886-1887. — Operas novas. — *I pescatori di perle*, de Bizet. — *I Doria*, de Augusto Machado. — Bailes de mascaras com coros. — Sessão solemne da Sociedade de Geographia. — Os exploradores Serpa Pinto e Augusto Cardoso. — Sessão de adivinhação. — O adivinho Stwart Cumberland. — Os interpretes do inglez Cumberland. — Como os episodios são ás vezes superiores á festa principal. — Nascimento do principe real D. Luiz Filippe, filho de D. Carlos I e de D. Amelia de Orléans. — Festa de gala no theatro de S. Carlos — Festas artisticas do tenor Valero, das damas Bendazzi-Secchi, e Theodorini. — A princeza de Portugal D. Antonia na tribuna real. — Ovação que recebeu do publico. — Artistas mais notaveis da companhia: — Helena Theodorini. — Amelia Stahl. — Ernestina Bendazzi-Secchi. — Fernando Valero. — Eugenio Dufriche. — Difficuldades da epocha lyrica. — Concerto de musica sacra, por amadores, no salão da Trindade. — Concertos de musica classica. — Morte do maestro Daddi. — Morte do professor Augusto Neuparth.

Esteve pouco animado o theatro de S. Carlos na epocha de 1886 a 1887; o extraordinario brilho da estação anterior, o grande numero de recitas que tinha havido, e a numerosa pleiade de estrellas de 1.ª grandeza que scintillaram no firmamento musical, e que fizeram dispender não pouco numerario aos habituaes frequentadores do theatro, influiram desfavoravelmente sobre o exito da epocha immediata; accrescia a isto o fazer muito frio na sala de S. Carlos, o que é insuportavel em uma casa de espectaculos no inverno; duas cousas concorreram para a glacial atmosphera do theatro; a pouca concorrencia e o systema de illuminação.

Foi por meio da luz electrica, e por conta do governo, que n'esta epocha foi illuminado o theatro de S. Carlos.

A sala era illuminada com 128 lampadas de incandescencia, de Swan, em 32 candelabros na 1.ª, 2.ª e 3.ª ordens; os corredores e as estantes da orchestra tambem eram illuminadas pelo mesmo systema.

As machinas dynamo-electricas, e as machinas de vapor, achavam-se installadas em um pateo do edificio do extincto convento de S. Francisco, na rua Serpa Pinto, ou nova dos Martyres, mesmo defronte do theatro.

Não só havia frio na sala, mas na maior parte do tempo estava-se quasi ás escuras.

O governo dispendeu com o theatro de S. Carlos, n'este anno de 1886-1887, além do subsidio, a quantia de 53:289$380 réis, sendo 49:103$340 réis com o material e custeio da illuminação electrica, e 4:186$040 réis com diversas obras no edificio.

Eis o elencho da companhia que funccionou no theatro de S. Carlos, na epocha de 1886 a 1887:

Damas: Helena Theodorini, Ernestina Bendazzi-Secchi, Amelia Stahl (meio soprano), Rossi-Trauner, Ritti, Enricheta Stahl, Neri (comprimaria), Todo (segunda).

Tenores: Fernando Valero, Franco Cardinali Benedetto Lucignani, Giannini, Durini (comprimario).

Barytonos: Eugenio Dufriche, Leone Fumagalli, Carruson.

Baixos: Vidal, Serbolini, Leoni, Soldá (comprimario).

Choreographo e bailarino, Conti.

Bailarinas: Franchi, Grassi.

Maestros: Marino Mancinelli, Arturo Pontecchi, Cesare Bonnafous (dos coros).

Scenographo, Luigi Manini.

O reportorio foi o seguinte:

Gioconda, de Ponchielli, em 28 de outubro de 1886, por Helena Theodorini, Amelia Stahl, En-

O Real Theatro de S. Carlos

HELENA THEODORINI

richetta Stahl, Fernando Valero, Eugenio Dufriche, Serbolini, Soldá, Durini.

Dinorah, de Meyerbeer, em 1 de novembro, por Ernestina Bendazzi-Secchi, Enrichetta Stahl, Neri, Giannini, Dufriche, Leoni, Durini.

Il Re di Lahore, de Massenet, em 6 de novembro, por Helena Theodorini, Enrichetta Stahl, Franco Cardinali, Dufriche e Serbolini.

Fausto, de Gounod, em 7 de novembro, por Bendazzi-Secchi, Enrichetta Stahl, Neri, Valero, Vidal (e uma vez Serbolini), Fumagalli, Soldá.

Mefistofele, de Boito, em 13 de novembro, por Theodorini, Enrichetta Stahl, Valero, Vidal, Durini.

Carmen, de Bizet, em 23 de novembro, por Amelia Stahl, Enrichetta Stahl, Ritti, Neri, Valero, Fumagalli, Giannini, Durini, Leoni, Soldá.

Aida, de Verdi, em 28 de novembro, por Theodorini, Amelia Stahl, Benedetto Lucignani, Dufriche, Serbolini, Leoni, Durini.

I pescatori di perle, de Bizet, em 11 de dezembro, por Bendazzi, Valero, Vidal, Leoni.

L'Africana, de Meyerbeer, em 24 de dezembro, por Theodorini, Rossi-Trauner e depois Ritti, Neri, Lucignani, Dufriche, Giannini, Serbolini, Durini, Leoni, Soldá.

I Doria, de Augusto Machado, em 15 de janeiro de 1887, por Theodorini, Amelia Stahl, Todo, Valero, Dufriche, Vidal, Soldá, Durini.

La Traviata, de Verdi, em 18 de janeiro, por Bendazzi, Neri, Todo, Lucignani, Carruson, Durini, Soldá, Leoni, Gavassi, Chaves.

La Favorita, de Donizzetti, em 30 de janeiro, por Amelia Stahl, Neri, Valero, Dufriche, Vidal, Durini.

Luiza Miller, de Verdi, em 5 de fevereiro, por Bendazzi, Enrichetta Stahl, Neri, Lucignani, Dufriche, Serbolini, Leoni, Durini.

Martha, de Flotow, em 26 de fevereiro, por Bendazzi, Enrichetta Stahl, Valero, Vidal, Soldá, Ghidotti.

Norma, de Bellini, em 10 de março, por Theodorini, Bendazzi, Neri, Lucignani, Serbolini, Durini.

Simone Boccanegra, de Verdi, em 23 de março, por Bendazzi, Todo, Lucignani, Dufriche, Fumagalli, Vidal, Soldá.

Houve tres pequenos bailes ou *divertissements*, compostos por Conti, e em que dançaram as bailarinas Franchi e Grassi; um em 11 de dezembro de 1886, outro (carnavalesco) em 12 de fevereiro de 1887, e o outro em 10 de março do mesmo anno.

Houve bailes de mascaras em 20 e 22 de fevereiro, nos quaes dançou o corpo de baile do theatro e cantaram os coros; na noite de terça feira de entrudo, deram-se os 2.º e 4.º actos do *Mefistofele*, a aria das joias do *Fausto* e algumas canções hespanholas por Valero.

Em 13 de dezembro de 1886 verificou-se no theatro de S. Carlos, cuja sala e palco estavam dispostos formando um unico pavimento, uma grande sessão solemne da Sociedade de Geographia. Presidiu Henrique de Barros Gomes, que fez um erudito discurso. Os exploradores Serpa Pinto e Augusto Cardoso leram alguns trechos das suas ultimas viagens á Africa oriental. Findou a sessão com uma excellente peroração de Antonio Augusto de Aguiar, entregando El-Rei D. Luiz, na tribuna real, aos exploradores as medalhas de ouro da Sociedade de Geographia e da Associação Commercial; na mesma occasião deu a Serpa Pinto a commenda da Torre Espada e fez Augusto Cardoso official da ordem de Santhiago. O publico applaudiu todos estes actos.

Em 14 de fevereiro de 1887, na sala do theatro de S. Carlos viu-se um espectaculo de novo genero; dava uma sessão de advinhação de pensamentos, o adivinho Stwart Cumberland; pela mão de uma pessoa qualquer o artista adivinhava tudo o que essa pessoa sabia, sendo esse proprio individuo que, sem deliberação propria, conduzia o adivinho ao objecto pensado, ou escrevia o nome ou numero meditado etc.: algumas d'estas adivinhações foram bem feitas e receberam muitos applausos; mas o que mais divertiu o publico foram as explicações dos interpretes; já de profissão, já voluntarios, que ou traduziam as palavras de Cumberland que só fallava inglez, ou davam explicações ao publico, e que despertavam indescriptivel risota. O celebre adivinho com uma só licção deixou em Lisboa muitos discipulos; e com effeito nas sociedades, nas habitações, tornou-se, por algum tempo, moda, homens e senhoras adivinharem os pensamentos, conduzidos por pessoas d'elles sabedoras.

Em 24 de março de 1887 houve em S. Carlos recita de gala para festejar o nascimento do principe da Beira, D. Luiz Filippe, filho de D. Carlos de Bragança e D. Amelia de Orléans, que havia tido logar em 21 do mesmo mez. Deu-se a opera *I Doria* de Augusto Machado; estiveram na tribuna real os reis de Portugal, o principe D. Carlos, infantes D. Affonso e D. Augusto, e os condes de Paris.

Em 30 de março, para a festa artistica de Fernando Valero, deu-se o 1.º 2.º e 4.º actos de *Gioconda*, e cantou Valero as romanzas hespanholas, *La partida, La vieja, Malagueñas* e *Peteneras*.

Em 31 de março, festa artistica de Ernestina Bendazzi-Secchi, houve os 1.º e 3.º actos da *Luiza Miller*, 3.º do *Fausto*, arietta de *Nozze di Figaro*, e um *divertissement*.

Em 1 de abril realisou-se a festa artistica de Helena Theodorini; deu-se 1.º acto de *Norma*, acabando na aria de soprano; symphonia, duetto e scena da licção do 3.º acto de *Barbière di Siviglia*, por Theodorini, Giannini e Soldá, cantando n'esta occasião Theodorini a valsa *Parla* de Arditi, a *Paloma* de Yradier, e *Malagueñas*, de Ryam; o 4.º acto da *Gioconda* e um *divertissement*.

Em 2 de abril, por ser dia da abertura das côrtes geraes, que haviam sido dissolvidas em janeiro, houve recita de gala em S. Carlos, representando-se os 4 primeiros actos do *Fausto*. Estiveram na tribuna real os reis de Portugal, a princeza D. Antonia de Portugal e seu marido o principe Leopoldo de Hohenzollern, o que havia sido candidato ao throno de Hespanha, um dos pretextos da grande guerra franco-prussiana de 1870. Quando no fim do 3.º acto a familia real se retirou e a princeza comprimentou o publico, teve da parte d'este uma grande ovação de sympathia, que se prolongou por bastante tempo, e que ella agradeceu muito commovida.

Em 3 de abril foi a recita de despedida da companhia lyrica; deu-se symphonia e 2.º acto da *Luiza Miller*, duetto das damas do 3.º acto da *Norma*, romanza de barytono do *Re di Lahore*; arietta de *Nozze di Figaro*, por Bendazzi, 2.º acto de *Pescatori di perle*, 4.º acto de *I Doria*, e um *divertissement*.

Possuia a companhia lyrica alguns artistas de grande merecimento.

Helena Theodorini, primeiro soprano dramatico, era uma grande artista; verdadeira tragica, reunia a gestos e mimica, sempre apropriados, e ás vezes de grande elevação dramatica, um canto dotado de bastante expressão; sobresahia especialmente na *Gioconda*, em cujo 4.º acto era inexcedivel de vigor e colorido; pode-se dizer que esta opera foi uma novidade n'esta epocha para o publico de Lisboa, apesar de na epocha anterior haver sido cantada por Borghi-Maino, tal era a superioridade de execução que a opera de Ponchielli teve n'esta estação.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

VIII

— Sigamos-lhes o exemplo, disse Harris. O somno ha de acalmal-o. A'manhã, da uma para as duas, trataremos do seu negocio.

Passei uma noite peor que as do meu captiveiro. Harris dormiu comigo, isto é, tambem não dormiu. Pelas cinco horas o cançasso obrigou-me a fechar os olhos. Trez horas depois, o Demetrio entrou pelo quarto, gritando-me:

— Grandes novas!

— O que?

— As suas inglezas foram-se.

— Para onde?

— Para Trieste.

— Estás certo d'isso, desgraçado?

— Fui eu que as levei até ao caes.

— Pobre amigo, disse Harris apertando-me a mão, a gratidão impõe-se, mas o amor ninguem manda n'elle.

— E não! suspirou o Demetrio.

Desde esse dia tinha vivido como os bichos, bebendo, comendo, respirando. Enviei as minhas collecções para Hamburgo sem um só pé de *boryana variabilis*.

Os meus amigos acompanharam-me a bordo do navio francez no dia seguinte ao do baile. Acharam prudente que fizessemos a viagem de noite, para não termos algum encontro com os soldados do sr. Pericles. Chegámos ao Pireu sem maior novidade; mas a umas vinte e cinco braças da margem uma meia duzia de espingardas invisiveis cantaram perto dos nossos ouvidos. Era o adeus do lindo capitão e da sua linda terra.

Percorri os montes de Malta, da Sicilia e da Italia e meu herbario tornou-se mais rico do que eu. Meu pae, que tivera o bom senso de conservar a estalagem, deu-me parte para Messina que as minhas remessas eram lá muito apreciadas. Talvez lá me dêem algum logar, logo que chegue, mas já não acredito em nada.

Harris vai a caminho do Japão. D'aqui a um anno ou dois terei novas d'elle. O Lobsterzinho escreveu-me de Roma, onde continua a exercitar-se no tiro ao alvo. O Giacomo continua a lacrar cartas de dia e a partir avelãs á noite. O sr. Mérinay achou para a sua pedra uma interpretação muito mais feliz do que a minha. O Rei das Serras fez pazes com a auctoridade. Está construindo um grande palacio no caminho do Pentelico, com uma caserna para vinte e cinco pallicaros dedicados. Entretanto alugou um palacete na cidade nova, onde recebe muita gente e onde trata activamente de apanhar a pasta da justiça. Ha de levar seu tempo. Photini é que faz as honras da casa, onde Demetrio vai ás vezes cear e suspirar na cosinha.

Nunca mais ouvi falar nem de M.ess Simons, nem de Mary-Ann, nem do sr. Sharper.

Uma vez por outra, de noite, sonho que estou na presença d'ella e que a minha alta estatura se reflecte em seus olhos. Então acordo e ponho-me a chorar e mordo com furia a almofada. O que me dá pena não é a mulher, é a fortuna e a posição que me escaparam. Bem fiz eu em não entregar assim o meu coração; todos os dias dou graças á minha natural frieza. O que não seria se, por infelicidade, eu me tivesse apaixonado!

IX

CARTA DE ATHENAS

No proprio dia em que tencionava entregar no prélo a historia do sr Hermann Schultz, o meu distincto correspondente de Athenas devolvia me o manuscripto com a seguinte carta:

«Senhor.

A historia do Rei das Serras é toda invenção d'um inimigo da verdade e da policia. Nenhuma d'essas personagens poz pé no solo da Grecia. A policia não visou nenhum passaporte com o nome de M.ess Simons. O commandante do *Pireu* nunca ouviu falar de *Fancy* nem de John Harris. Os irmãos Philips nunca tiveram nenhum empregado chamado William Lobster. Nenhum agente diplomatico conhece em seus escriptorios maltez com o nome de Giacomo Fondi. O banco nacional de Grecia terá muitas culpas, mas nunca acceitou em deposito fundos provenientes de rapinas. Se os houvesse recebido, consideraria como dever confiscal-os em proveito proprio. Ponho á sua disposição a lista dos nossos officiaes de policia. Nem sombras do sr. Pericles. Só conheço dois homens com esse nome: um é taberneiro em Athenas e outro tendeiro em Tripoliza. Quanto ao famoso Hadgi-Stavros, cujo nome hoje leio pela primeira vez, vem a ser um ente fabuloso, que devemos remetter para a mythologia. Confesso sinceramente que tempos houve em que alguns salteadores appareceram no reino Os principaes foram destruidos por Hercules e Theseu, que podem ser considerados como fundadores da policia grega. O auctor do romance, que fez a honra de enviar-me, prova tanta ignorancia como má fé, parecendo considerar o bandoleirismo como facto contemporaneo. Se a sua historia fosse impressa em França ou Inglaterra com o nome e o retrato do sr. Schultz, saberia o mundo por que artes grosseiras querem tornar-nos suspeitos a todas as nações civilisadas.

«Mas o senhor, que sempre nos fez justiça, creia na sinceridade com que sou seu

Criado obrigadissimo,

«*Patriotis Pseftis*

«*Auctor d'um volume de dithyrambos sobre a regeneração da Grecia, redactor da* ESPERANÇA, *membro da Sociedade archeologica de Athenas, membro correspondente da Academia das Ilhas Jonias, accionista da Companhia Nacional do Sparciata Paulos.*»

X

EM QUE O AUCTOR RETOMA A PALAVRA

Atheniense, querido amigo, as historias mais veridicas nunca são as que succederam.

FIM

SCIENCIA MODERNA

A VARIAÇÃO DAS CHUVAS DURANTE O DIA

A chuva obedece, assim como a temperatura, a um certo numero de causas on influencias que fazem com que, durante o dia, esteja sujeita a variações, muitas das vezes importantissimas.

Até hoje, a poucos tem dispertado interesse, a regularidade com que os factos se produzem.

Não nos queremos referir á quantidade de agua que em todo o globo cahe, porque esta, como é sabido, é extremamente variavel consoante a differença de altitude, as proximidades dos mares,, rios, ou correntes d'aguas, as latitudes, etc.

Isto são pontos perfeitamente assentes e onde não nos demoraremos. Assim, ninguem ignora que nas maiores altitudes, nos sitios banhados pelas aguas, e nas latitudes maiores, a chuva é mais frequente. A citar, como celebres, os aguaceiros torrenciaes (de que nós, os de Lisboa, não poderemos fazer uma pequena ideia) do monte Guarisankar onde annualmente o pluviometro accusa uma altura de agua equivalente a 14 metros, isto é, vinte vezes mais do que a chuva que cahe annualmente em Lisboa. O mesmo diremos com relação a nossa India, em que nos mezes de junho e julho, cahe, em cada um d'elles, uma quantidade de agua equivalente á que, durante um anno, cahe em Lisboa.

Na França, por exemplo, os sitios em que se notam maior quantidade de chuvas são todos os que são banhados pelo mar (Bordeus, Havre, Marselha, Perpignan, etc.).

Como exemplo da terceira circumstancia a que nos referimos, basta recordar as profundas depressões atmosphericas que a cada momento invadem as costas da Inglaterra e a Suecia e a Noruega.

Mas não é isto de que nos queremos occupar. Referindo-nos a um certo local, qual a variação diurna das chuvas n'esse local?

Tomemos para ponto de referencia Lisboa, e vejamos o que, na nossa capital, succede. Dividamos o anno em duas estações: a das *seccas* desde 1 de maio a 15 de outubro, e a das *chuvas* que comprehende o resto d'esse anno.

Supponhamos egualmente o dia dividido em oito periodos de tres horas cada um, da seguinte forma:

1.° periodo.	De	0	horas	ás	3	horas
2.°	»	Das	3	»	»	6	»
3.°	»	»	6	»	»	9	»
4.°	»	»	9	»	»	12	»
5.°	»	»	12	»	»	15	»
6.°	»	»	15	»	»	18	»
7.°	»	»	18	»	»	21	»
8.°	»	»	21	»	»	24	»

Durante a estação das chuvas os periodos em que maior quantidade de agua cahe são: o 2.° periodo e successivamente diminuindo de intensidade, o 3.° e o 4.° Nota-se depois um minimo muito accentuado durante o 5.° periodo havendo em seguida um grande accrescimo no 6.° periodo hora em que quasi sempre é abundante, sobre tudo das 3 ás 4 horas da tarde. Continua ainda a augmentar de força durante quasi todo o 7.° periodo, findo o qual a diminuição accentua-se novamente durante o 8.° e torna-se quasi nulla no primeiro periodo do dia seguinte. Notam-se, por conseguinte, dois maximos, um d'elles, no periodo que medeia entre as 3 e 6 da tarde, o segundo entre as 3 e as 6 da manhã. Comparando as horas de um e outro, vê-se que o primeiro dá-se pouco antes do occaso do sol, o segundo, pouco antes do nascer. Nos minimos, a relação que se nota nos maximos mantem-se. O primeiro minimo dá-se a meio do dia, quando o sol na sua marcha ascensional parou e começa a declinar. O segundo a meio da noite, quando ha uma certa tendencia para o dia.

Isto não quer dizer que os factos succedam sempre d'este modo, porque em dias de rigoroso inverno, chove continuamente, no emtanto, ás horas dos minimos, nota-se uma diminuição na intensidade da chuva, a qual augmenta de novó, á maneira que se approxima a noute.

O que dará logar a estas alternativas?

Com relação aos factos que duranse o dia teem logar, facil é de o dizer, mas com relação aos que, durante a noite se repetem, embora sejam pela mesma ordem porque de dia elles se dão, até hoje, nenhuma explicação acceitavel a meteorologia nos tem dado a conhecer.

No inverno, as horas da manhã durante as quaes a terra se acha ainda fria, são propicias para o desenvolvimento da chuva. A' maneira que o sol vae aquecendo, este, dissipando as nuvens forma um obstaculo para a chuva, o qual obtaculo cessa, logo que a obliquidade dos raios luminosos do sol se accentua.

Durante o verão, os factos passam-se de uma forma perfeitamente opposta, parecendo demonstrar mais uma vez que a estação invernosa e a estação calmosa. para se contrariarem, condemam tudo o que a sua rival acceitou. Todos sabem que o frio é proprio do inverno, o calor do verão; os dias pequenos são caracteristicos do inverno, os dias longos, do verão. Ha ainda outra coisa a registar, digna de menção. Nas horas em que de inverno chove mais, são aquellas em que de verão chove menos, e vice-versa. E' assim que no verão, os maiores aguaceiros são: ou das 12 ás 3 da tarde, ou durante a noite, das 12 ás 3 da madrugada.

Este facto pode explicar-se do seguinte modo: E' das 12 ás 15 horas que o sol se torna mais abrazador, hora a que quasi sempre se nota a maxima thermometrica. O calor intenso desenvolve na atmosphera uma electricidade de nome contrario á da terra, o que faz com que a essa hora, haja tendencia para a formação da trovoada, e simultaneamente da chuva. A partir d'essa hora, o calor diminue, e os indicios de trovoada vão desapparecendo.

Digamos, comtudo, para concluir que tudo o que deixámos apontado para o inverno, poderá mais facilmente ser notado por todos os que nos leem n'esta capital, porque mais frequentes são os casos. No tempo da secca, porém, as chuvas em Lisboa escasseiam a tal ponto que só a analyse do resultado obtido pelas observações de dez ou mais annos pode dar uma indicação precisa e fornecer bons elementos para o estudo dos que se interessam por este assumpto, o que não diremos já, por exemplo, se o local a que nos referissemos fosse qualquer das nossas provincias do norte ou do Alemtejo, onde as trovoadas de verão são frequentissimas, succedendo ahi, immensas vezes, os factos que deixámos apontados.

10—12—900.

Antonio A. O. Machado.

CARTAS DA HOLLANDA

EXCERPTO

Tive convite, esta noite, para a representação de gala no Stadsschouwburg, e ahi me achei no meio da mais escolhida sociedade de Amsterdam, que enchia a sala de espectaculo.

Assistia a Rainha, e em volta d'ella se reuniu a flôr do bello sexo da Hollanda.

Devo dizer-te que o bello sexo da Hollanda — ainda mesmo no que elle tem de mais fina flôr — não se distingue nem pela esculptural bellesa das romanas, nem pelas esplendidas côres das inglezas, nem pela viva expressão das andaluzas; mas tem o encanto raro d'uma innocente graça, um não sei quê de gentileza calma e de finura meiga, que attrae, e prende.

O que ellas teem de egual, indiscutivelmente, é a brancura e a maciesa da pelle, a opulencia dos cabellos louros e a transparencia do olhar azul.

A' primeira vista, e aos primeiros compassos da symphonomia d'abertura, apenas posso notar que a todas ellas falta a levesa do porte, o leviano gesto, a expressão ambigua, que fizeram da mulher franceza o typo convencional da galanteria feminina. E afigura-se-me justo aquelle ousado conceito de quem disse que ás hollandezas falta a vivacidade precisa para inquietar os homens.

Pode ser que me engane; e com verdade te digo que não me irei sem pena, se a experiencia propria me não provar o contrario.

Pode muito bem ser, até, que em cada uma d'estas enygmaticas creaturas haja escondida a cratera de um vulcão; mas, para que se possa admittir, só por apparencias, a existencia da cratera, é necessario suppôr que a cobre uma camada de gelo muito espessa. E n'este caso, o gelo faria as vezes de virtude.

Entretinha-me eu n'estas irreverentes conjecturas, no meu logar de platéa, assentado para os camarotes repletos as lentes do meu binoculo, quando senti uma palmadinha amiga pousar-me sobre o hombro.

Era Bonfadini — *il mio caro Senatore Bonfadini*, meu visinho de quarto e meu visinho de platéa, pois o acaso quiz que os nossos bilhetes de entrada tivessem numeros seguidos na mesma fila dos fauteuils.

Ora ainda bem!

A respeito de mulheres; este respeitavel senador Bonfadini é um bom entendedor, a quem meias palavras bastam. E nem preciso ensaiar rodeios nem perder-me em circumloquios, para o interessar no assumpto que me prende a attenção. Demais a mais, temos uma boa vantagem, que nos ajuda a conversa: comprehender eu perfeitamente o italiano que elle me fala, todo em syllabas abertas, como fallava o Novelli; e perceber elle tambem, admiravelmente, o portuguez correcto, que lhe vou dando em troca.

Bonfadini divide todo o bello sexo, na sua concepção esthetica, em dois grandes grupos: d'um lado, as mulheres bonitas; do outro lado, as mulheres feias. E calorosamente defende o paradoxo, explicando os encantos, a belleza metaphysica da chamada — mulher feia.

— «Mas nesse caso, pergunto eu, que destino dá o meu amigo, como classifica o meu amigo o typo intermedio de mulher, todas aquellas que não são, dentro das noções mais vulgares da esthetica, nem bonitas, nem feias?»

— «Quando ellas não são nem bonitas, nem feias, não as classifico: chamo-lhes hollandezas!»

Acho bem. Pelo menos, eu não encontraria melhor, nem vejo que melhor as definissem todos quantos fallaram das mulheres hollandezas, nos livros que andam impressos—nem Esquiros, nem Saint-Evremont, nem Daniel Stern...

Qualquer de nós, eu ou tu, olhando bem, procurando bem, esmiuçando bem, iria pôr o distico exacto, o rigoroso rotulo, em cada um dos exemplares em que a mulher hollandeza se repartiu, esta noite, pelos camarotes do Stadsschouwburg de Amsterdam — se ao amavel trabalho d'uma tal classificação quizessemos applicar o abundante vocabulario da nossa arte de amar.

Ahi, onde o Senador Bonfadini não quiz ver mulheres bonitas nem feias, para só ver hollandezas, encontrariamos nós o meio de contentar a todas, mimoseando-as com algumas das infinitas expressões de que o postuguez conquistador se arma, quando em pé d'alferes!

Isto mesmo, que eu te estou dizendo, o disse e o exemplifiquei ao Senador Bonfadini. E fiz-lhe ver como nós, em Portugal, sabemos lisongear o amor-proprio das mulheres, não digo já sem molestar a moral, mas sem offender a esthetica.

Com um pouco de boa vontade, não ha para nós mulheres verdadeiramente feias. Tudo está em saber descobrir-lhes, quando feias pareçam, o defeito que melhor se preste a ser torcido em prenda.

O typo da bellesa feminina não é coisa assente. Mas se para o nosso caso tomarmos como typo o da bellesa grega, por exemplo, temos, necessariamente, de achar defeituosa a mulher muito magra ou a mulher muito gorda, a mulher muito alta e a mulher pequena; a que tem bôca grande ou collo proeminente; a de nariz arrebitado ou a que mette os pés para dentro.

Lá vem porém o ditado, que tudo remedeia e tudo concilia: — Quem o feio ama, bonito lhe parece...

A muito magra não deixará de ter quem goste d'ella assim. Gosta-se da mulher magra, como se gosta de ovos fritos — ao que os francezes chamam *œufs sur plat*...

A muito gorda encontrará sempre o seu adorador. Muita carne, pouco osso. Boa mulher, sim senhores!

Para a muito alta ha sempre, na rua, gente parada, embasbacada, á hora a que ella passa. E lá se lhe vão os olhos a trepar, a trepar, por aquella torre acima!

Para a mulher pequena, ha um proverbio que diz, com guloseima e com graça: — A mulher e a sardinha, sempre da mais pequenina...

Grande bôca, grande mysterio, para quem goste de mysterios! Proeminente collo — a attracção do abysmo!

Não tens tu ouvido falar de certos homens, que gostam de que as mulheres lhes batam? Pois ahi de nariz arrebitado para elles é que é.

E para outros, cautelosos, de boa bôca e modestos, a que metter os pés para dentro será então — o ideal!

Entre aquillo a que o Senador Bonfadini chama, em absoluto, uma bonita mulher e uma mulher feia, e onde elle só vê hollandezas, todo o portuguezinho, verdadeiramente digno d'este nome, descobrirá, a olho nú, pelo menos, os seguintes typos:

A mulher graciosa;
A mulher sympathica;
A mulher interessante;
A grande mulher;
A mulher já durazia...
A mulher d'estalo!
A frescalhona;
A mulheraça!!

THEATRO D. AMELIA

A ACTRIZ GABRIELLA REJANE

O mulherão!!!

De tudo isto vi eu, esta noite, enchendo os camarotes d'esse theatro, onde se encontrou reunida a primeira sociedade de Amsterdam.

Representava-se uma peça de nenhum agrado para quem desconhecesse a lingua hollandeza, e este era o caso que comigo se passava. Difficilmente percebi tratar-se de mais uma allegoria ao genio dos Orange, e com este pouco me contentei

O que me encheu as medidas, como nós dizemos, foi o bello ensejo que tive de tomar conhecimento com o jornalista Bromver, redactor em chefe de um jornal da Frisa, e rapaz da minha edade, a quem Bonfadini me apresentou com uma boa recommendação, que julguei immerecida, mas que melhor auxiliou a prompta e franca sympathia que uma certa semelhança de feitio exterior, a coincidencia da edade, e não sei que outra especie de inclinação instinctiva, estabeleceram enter nós.

O jornalista Bromver abandonou por alguns dias a direcção do seu jornal para acceitar o convite do Comité de Amsterdam e assistir ás festas. Ao seu lado estava uma galante rapariga, que tinha todo o ar de ser sua esposa, ou sua irmã, talvez.

Apresentou-m'a. Nem era irmã, nem esposa. Era a sua noiva.

Estavam sós. Vieram sós da Frisa. Fizeram sós a viagem. Tinham ido sós para o theatro. Estão sós no mesmo hotel. Andam sós por toda a parte!

Que te parece esta historia?

Provavelmente, parece-te uma grande pouca-vergonha, podes mesmo dizer — um desafôro, como a mim pareceu. Pois segura-te, meu amigo, que vaes cair das nuvens!

Isto é — o costume!

E agora, compara. Ponho deante dos teus olhos, offerecendo-os á tua meditação, estes dois quadros em *pendant*: d'um lado, o namoro de Lisboa; do outro lado, o namoro da Hollanda.

1.º QUADRO

Vinte e dois annos ella, nem formosa, nem feia, elegantesinha; bem educada, quanto possivel, por mestras que vieram a casa; calligraphia regular; ortographia sufficiente; *un peu* de francez supportavel, piano bom, canto suave para saraus de caridade, bordado a lãs na perfeição, algumas receitas de dôce d'ovos, seis contos de dote, em inscripções.

Trinta e dois annos elle, longe de ser o que se chama — um bonito homem, mas nada feio; estatura regular, ligeiro começo de calvicie, bem dissimulado ainda por artificios do penteado, bigode farto; lunetas de 9 graus (myopia); apenas um soffrimento de figado para as licenças da Junta; segundo official, sem outros bens de fortuna, mas sem grandes descontos por adiantamentos. Collaborador de folhas litterarias, velocipedista, amigo de Fulano, que já foi ministro, e que bem pode acontecer tornar ainda a sel-o.

Não estamos nós encontrando por ahi, a cada passo, tão prendadas noivas; nem rapazes solteiros, já segundos officiaes aos trinta annos. D'aquelles, que hontem ficaram unidos para sempre, pelos sagrados laços matrimoniaes, na parochial egreja de Santa Justa e Santa Rufina, pode bem dizer-se: — Talhados um para o outro. Deus os torne felizes, lhes dê muitos filhos, e permitta que volte cedo ao governo o ministro amigo, que ha de promover a primeiro official o noivo. Por todos os titulos: auspicioso enlace — como dizia depois, a proposito, uma folha muito lida da manhã...

Como se conheceram?

Muito naturalmente, como sempre aconteceram coisas d'estas. Foi em uma festa do Salão da Trindade, promovida por um grupo de boas pessoas ingenuas em beneficio da familia de um titular arruinado, luctando com embaraços graves para o pagamento de uns quatrocentos mil reis de renda de casa. Tomavam parte dois actores de D. Maria, recitando monologos, o Valle com o *Aldighieri*, uma cantora celebre, de passagem por Lisboa e, entre outros amadores, a noiva de hontem, que deveria cantar ao piano a *Stella confidente*...

Toda essa gente havia sido ludibriada, acreditando que o producto da festa seria, como diziam os cartazes, para soccorrer as victimas de uma inundação... em Manteigas! Da commissão que promovera o beneficio fazia parte, por sua natural bondade e espirito de philantropia, aquelle mesmo que, poucos mezes depois, viria a ser o noivo.

Cada membro da commissão conduziria pelo braço, e por sua vez, ao tablado, a dama que o programma indicasse para cada novo numero. E assim foi que ao nosso segundo official coube a sorte de offerecer o braço, muito bem arqueado, á menina do nosso conhecimento, e que desde então passou a ser tambem do conhecimento d'elle.

Astro d'amore ch'in ciel mi segui...

Calorosos, prolongados applausos, estrugiram por toda a sala, quando a esbelta socia da Real Academia de Amadores de Musica levantou do piano os dedos afilados e se voltou para o publico, curvando com galanteria a sua interessante cabecinha sorridente.

Armando — eis revelado o nome do nosso funccionario — pela segunda vez offereceu o braço a Isaura... E quando ambos desciam, cautelosamente, os degraus do tablado, já ella o havia olhado com intenção bastante para o auctorisar a dizer-lhe, dulcificando a falla:

— «Vossa excellencia é encantadora...»

«Desde a primeira vez que me foi dada a suprema ventura de cruzar, furtivamente, o meu olhar com o seu...» — eis os termos em que Armando endereçava, por escripto, á distincta cantora da *Stella confidente*, poucos dias depois, a sua declaração de amor, num papel côr de rosa pallido, com certo idyllio de rouxinoes a um canto, e o mesmo idyllio no fecho do envelope.

Foi a carta pelo correio, ousadamente, e logo aconteceu ser o pae da menina quem a recebeu, na escada, da propria mão do carteiro. Se lhe deram na vista os rouxinoes, ou não, é coisa que não se sabe; mas certo foi que a missiva chegou ao seu destino intacta, e na noite seguinte, ahi por volta d'essas nove e meia, quem houvesse dobrado com subtileza certa esquina da rua da Quintinha para os lados de S. Bento, teria reconhecido sem difficuldade, ao luar, um vulto de homem reclinado no parapeito de uma janella de rez-de-chão aberta, onde se entrevia um outro vulto na sombra... Falavam-se, cochichavam. Eram elles!

(Continúa)

Alfredo Mesquita.

THEATRO DA TRINDADE

A ACTRIZ ROSA PAES

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Cartas da Hollanda, *por Alfredo Mesquita. — Lisboa, 1900.*

Editado pela Empreza do Almanach Palhares, appareceu á venda este formoso livro de que o seu auctor nos offereceu um exemplar que nós estimamos como um verdadeiro mimo litterario que o é, no meio de tantos livros faltos de interesse e de senso commum que por ahi vêem a luz publica.

As *Cartas da Hollanda* de Alfredo Mesquita são formadas das muitas notas que o seu auctor colheu na Hollanda quando alli esteve, em 1898, por occasião da coroação da nova rainha Guilhermina. Essas notas habilmente desenvolvidas e ligadas pelo bello talento de Alfredo Mesquita produziram as deliciosas paginas do livro de que vimos fallando, fazendo a critica e comparação dos costumes d'aquelle paiz singular que conquistou ao mar os quatro palmos de terra que o fórma.

E' d'esse livro que, n'outro logar da nossa revista, transcrevemos uma carta que mais interessante nos pareceu para as nossas gentis leitoras.

E a Alfredo Mesquita todos os nossos applausos.